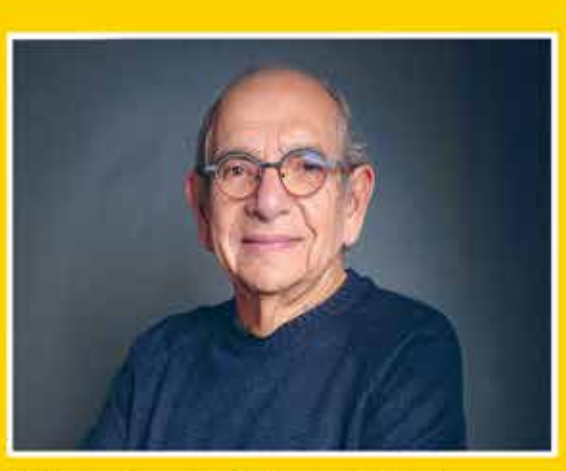
METROPOLE SSA-BA

22 OUT 2026

EM BUSCA DO VOTO PERDIDO

Na reta final de campanha pela Presidência, caçada aos mais de 33 milhões de eleitores que não compareceram às urnas no primeiro turno vira foco de Lula e obriga Flávio Bolsonaro a se mexer. Págs. 2 e 3



MK conta a história por trás de um decreto de ACM sobre a célebre mansão dos Mariani. Pág. 4



Conheça os últimos seresteiros de Salvador que ainda resistem a uma febre do passado. Págs. 6 e 7



Entre telas e páginas: três filmes e dois livros sobre luto, crimes reais e dilemas éticos. Pág. 10

Caça aos eleitores ausentes

Campanha de Lula intensifica plano para reduzir abstenções, especialmente, em redutos petistas; Flávio Bolsonaro age para ampliar margem no Sudeste e Sul

Texto **Jairo Costa Jr.**
jairo.costa@radiometropole.com.br

ricardo stuckert



charles vieira



A campanha de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) entra na reta final do segundo turno em busca de um contingente que, pelos planos do petista, pode fazer diferença na disputa contra Flávio Bolsonaro (PL): os eleitores que não compareceram às urnas em 4 de outubro. No primeiro turno, Flávio terminou à frente, com 47,03% dos votos válidos, contra 45,16% de Lula - diferença de cerca de 2,2 milhões de votos.

Com a eleição marcada para 25 de outubro, o desafio petista é transformar a mobilização política em presença efetiva nas seções eleitorais — sem presumir, porém, que todo ausente seja um voto potencial para o presidente. As planilhas com dados do primeiro turno mostram a dimensão do problema nas grandes cidades. Os 50 maiores municípios do país somaram 10,19 milhões de abstenções, equivalentes a 21% dos eleitores aptos.

O Rio de Janeiro lidera o ranking, com 1,29 milhão de ausentes e taxa de 26,1%. São Paulo, embora tenha índice menor, de 23,4%, registrou 2,14 milhões de pessoas que não votaram, o maior contingente absoluto da lista. Belo Horizonte teve 464 mil ausências; Salvador, 393,9 mil; e Curitiba, 279 mil. São números que dimensionam o potencial de uma campanha de mobilização, mas não revelam a preferência política de quem faltou.

ALÉM DO MAPA

O contraste entre as maiores cidades também mostra que a disputa não se resume a uma divisão simples entre regiões. Na cidade de São Paulo, Lula foi o mais votado, com 46,6%, apesar de Flávio ter vencido no estado paulista, com 51,93%. No Rio de Janeiro, o candidato do PL liderou tanto no município quanto no estado: na capital, obteve 47,88%, e no estado chegou a 53,01%.

Brasília e Belo Horizonte também deram vantagem a Flávio, enquanto Salvador, Fortaleza, Recife e Belém ficaram com Lula. A abstenção, portanto, cruza territórios com resultados eleitorais distintos e exige estratégias locais, em vez de uma aposta uniforme.

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-Chefe **Jairo Costa Jr.**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Daniela Gonzalez, Duda Matos, Ismael Encarnação, Jairo Costa Jr., Victor Quirino e Vitor Bahia**
Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

Números em jogo

O primeiro turno das eleições gerais de 2026 registrou 33,4 milhões de eleitores ausentes em todo o Brasil, o equivalente a 21,08% do eleitorado apto a votar. O índice superou o registrado no primeiro turno de 2022, quando a abstenção ficou em torno de 20,9%, com mais de 32 milhões de pessoas que não compareceram às urnas. O resultado de 2026 representa o maior percentual de abstenção em eleições gerais desde 1998, quando a taxa chegou a 21,49%, segundo levantamento feito junto à base de dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

A análise por regiões mostra que o Sudeste liderou em percentual de abstenção, com 22,70%, seguido pelo Centro-Oeste, com 21,70%; Sul, com 20,46%; Norte, com 19,43%; e Nordeste, com 18,39%. Os dados evidenciam diferenças regionais na participação eleitoral, com o Sudeste registrando a maior proporção de ausentes e o Nordeste, a menor. Entre os estados, Mato Grosso do Sul apresentou o maior índice, com 23,87%, enquanto o Ceará teve a menor taxa do país, de 15,52%.

Na Bahia, 2.259.151 eleitores deixaram de votar no primeiro turno, o equivalente a 19,97% dos 11,3 milhões de eleitores aptos, conforme os dados consolidados das eleições de 2026. Apesar de a taxa estadual ter ficado abaixo da média nacional, o número absoluto de ausentes ultrapassou 2,2 milhões de pessoas. O cenário reforça a dimensão do desafio de mobilização eleitoral no estado, onde aproximadamente um em cada cinco eleitores não compareceu às urnas.



Bahia ganha peso estratégico

Na Bahia, a tarefa de Lula é diferente: preservar uma vantagem expressiva e evitar que a mobilização adversária reduza a diferença. O petista venceu em 413 dos 417 municípios e obteve 66,17% dos votos válidos no estado, contra 28,53% de Flávio. Entre as exceções estão Luís Eduardo Magalhães, Buerarema, Itamaraju e Teixeira de Freitas.

O mapa das 20 maiores cidades, entretanto, revela áreas em que a abstenção é elevada mesmo em território favorável ao presidente. Porto Seguro tem a maior taxa entre elas, com 23,8%, seguida por Lauro de Freitas (22,9%), Eunápolis (22,5%) e Teixeira de Freitas (22,2%). Em Camaçari, a taxa chega a 20,8%; em Salvador, a 20,2%.

O tamanho do eleitorado ausente reforça o peso dos grandes centros baianos. Salvador registrou 393,6 mil abstenções; Feira de Santana, 74,9 mil; Vitória da Conquista, 49,2 mil; e Camaçari, 43,7 mil. Juntas, as 20 maiores cidades somam 909,9 mil ausentes, quase um milhão de pessoas.

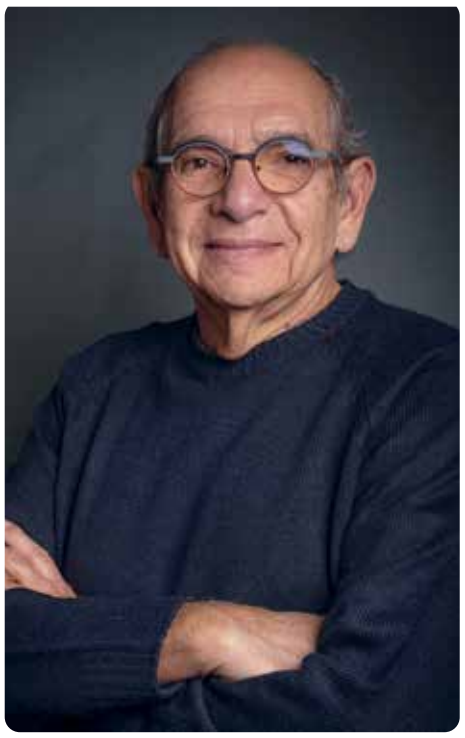
A capital concentra o maior volume absoluto, mas não a maior taxa. Porto Seguro, por sua vez, combina uma abstenção elevada com uma disputa municipal mais competitiva que na imensa maioria do eleitorado: no primeiro turno, Lula alcançou 49,75% dos votos válidos, contra 44,05% de Lula. Em Teixeira de Freitas, o candidato do PL venceu por 49,51% a 45,39%. Esses municípios são exemplos de como a campanha precisa distinguir a recuperação de votos em áreas de forte apoio petista da disputa direta por eleitores em locais mais divididos.

Abstenção no 1º turno de 2026
nos 20 maiores municípios da Bahia

ELEITORES APTOS	COMPARECIMENTO	ABSTENÇÕES	TAXA DE ABSTENÇÃO
4.575.083	3.665.150	909.933	19,9%

#	MUNICÍPIO	ABSTENÇÕES	% dos eleitores aptos
01	Salvador	393.603	20.2%
02	Feira de Santana	74.884	17.2%
03	Vitória da Conquista	49.239	18.6%
04	Camaçari	43.728	20.8%
05	Juazeiro	28.686	17.3%
06	Lauro de Freitas	37.484	22.9%
07	Itabuna	26.496	18.8%
08	Ilhéus	26.674	20.6%
09	Jequié	21.699	18.2%
10	Porto Seguro	27.488	23.8%
11	Alagoinhas	23.859	20.9%
12	Barreiras	20.287	18.6%
13	Teixeira de Freitas	23.285	22.2%
14	Simões Filho	18.564	20.6%
15	Paulo Afonso	18.273	21.9%
16	Eunápolis	18.743	22.5%
17	Luís Eduardo Magalhães	17.189	21.2%
18	Santo Antônio de Jesus	13.917	17.9%
19	Guanambi	12.072	17.9%
20	Valença	13.763	20.6%

Fonte: TSE



O decreto mais comovente da Bahia

Mário Kertész
Radialista, apresentador, ex-prefeito e agora escritor

Tenho diante de mim a cópia de um decreto de 5 de julho de 1973. Papel amarelado, tinta cansada, carimbo de época. Quem lê de passagem sai com lágrimas nos olhos. É um dos textos mais sensíveis já produzidos pelo Palácio do Governo da Bahia.

O Estado, diz o documento, não suportava mais a ausência de uma escola-parque para crianças excepcionais. Era dever do governo empregar todos os meios a seu alcance. E havia o lugar perfeito: o número 400 da Ladeira da Barra. Dez mil metros quadrados de verde, árvores, sossego, uma vista que Deus desenhou num dia de bom humor. O governador também se preocupava com a cidade. Temia a especulação imobiliária. Temia a concentração insuportável de prédios. Pela primeira vez na história, um governo baiano se levantava contra o concreto na Barra.

Comovente. Só faltou dizer a verdadeira causa. Mas ela estava lá, no artigo primeiro, em maiúsculas: CLARA PEREIRA MARIANI BITTENCOURT. Proprietária do imóvel. Da família de Clemente Mariani.

Quem viveu aquela Bahia entende o resto sem legenda. Em 1973, o Banco da Bahia, dos Mariani, era a noiva mais cobiçada do sistema financeiro. Dois pretendentes rondavam a casa. De um lado, o Bradesco, de Amador Aguiar, com dinheiro paulista e paciência de agiota. Do outro, o Banco Econômico, de Ângelo Calmon de Sá. Baiano, amigo do Palácio, aliado de primeira hora de Antônio Carlos Magalhães.

Para ACM, banco baiano ficava com banqueiro baiano. Clemente Mariani pensou diferente. Fez as contas e vendeu ao Bradesco. E, no meio da disputa, deixou o Econômico tão abalado que o banco de Calmon de Sá cambaleou à beira da falência. Antônio Carlos não esquecia. Antônio Carlos anotava.

O Bradesco estava em São Paulo, fora do alcance. Clemente Mariani estava acima de muita coisa. Mas a casa da família estava ali, na Ladeira da Barra, ao alcance de uma caneta. E caneta, em 1973, ACM tinha de sobra.

Agora, o golpe de mestre. Leiam o artigo segundo. A escola se chamaria Desembargador Pedro Ribeiro. O pai de Clemente Mariani. Homem de família tradicional, magistrado respeitado, patriarca do clã. Isso não é homenagem. É assinatura.

Tomar a casa da família já era castigo. Pendurar na fachada o nome do pai era requinte. O desafeto perdia o imóvel e ainda ficava proibido de reclamar. Como protestar contra uma escola para crianças excepcionais que leva o nome do próprio pai? Seria ingratidão dupla. Com os pobres e com o morto.

Releio os considerandos e confesso que admiro a obra. Não há uma vírgula de raiva. Tudo é virtude, amor às árvores, zelo urbanístico, piedade filial. É a vingança vestida de beneficência. Uma faca enrolada em algodão hospitalar e com dedicatória.

O carlismo tinha isso. Raramente batia de frente quando podia bater de lado. Usava o Diário Oficial como outros usam soco inglês.

Mas a política baiana tem um final feliz para todo mundo, menos para quem acreditou no decreto. Antônio Carlos fez o que sempre fazia depois de mostrar os dentes: sentou-se à mesa. Compôs-se com Amador Aguiar, o dono do Bradesco. Os banqueiros se entenderam, o governador se entendeu com os banqueiros, e o decreto foi anulado.

Convivi muitos anos com Antônio Carlos. Fui seu prefeito, seu aliado e, depois, seu adversário. Aprendi que ele tinha duas canetas. Uma para ferir, outra para fazer as pazes. E as duas assinavam com a mesma letra.

Clemente Mariani ficou com o dinheiro do Bradesco. Os Mariani ficaram com a casa da Barra. ACM ficou com um aliado poderoso em São Paulo. Calmon de Sá ficou com o susto.

E as crianças excepcionais ficaram com o que sempre lhes coube na Bahia: um considerando.

O carlismo tinha isso. Raramente batia de frente quando podia bater de lado. Usava o Diário Oficial como outros usam soco inglês



#PRATODOSVEREM: a peça apresenta o Mega Aulão Ingressar 2026, com ilustrações de jovens em um ambiente vibrante e descontraído. O destaque visual é o lettering "MEGA AULÃO INGRESSAR", em amarelo e com efeito tridimensional. A comunicação reforça a gratuidade do evento e convida os estudantes a garantirem sua vaga antecipadamente. São informados a data (24/10), o local (Centro de Convenções) e o horário (a partir das 8h). Na parte inferior, aparecem o QR Code para inscrição, o endereço do site e as marcas do Ingressar e da Prefeitura de Salvador.



Os últimos seresteiros

Entre boleros, encontros, paixões, dançarinos de aluguel e damas solitárias, o Jornal da Metropole convida você para passear pelas serestas que ainda resistem ao tempo em Salvador

Texto e fotos **Ismael Encarnação**
redacao@radiometropole.com.br

Fortalecidas especialmente nas décadas de 1980 e 1990, as serestas de Salvador seguem embalando corações com boleros, choros cantados e canções românticas sobre amor, saudade e paixão. Em cinco pontos tradicionais da cidade, ao som de vozes, violões e teclados, os bailes ganharam novas roupagens a partir dos anos 2000, com ritmos, arranjos e interpretações que renovaram o repertório sem deixar de lado o romantismo.

Entre mesas, bebidas e petiscos, tem casal apaixonado, dançarino experiente, incluindo os de aluguel, e gente que vai mesmo é para aproveitar a música. São as serestas da resistência na capital baiana cidade, onde cada canção pode despertar uma lembrança e cada dança render uma nova história.

CAMPO DE SEDUÇÃO

Foi no salão que Aurora Carvalho, 78 anos, encontrou um parceiro para a vida. Carioca criada em Salvador, ela frequenta serestas há mais de duas décadas e conheceu Luiz Carlos do Nascimento, 71, no antigo Kantarerê, casa de shows que já não existe mais. Uma dança virou namoro, e lá se vão 22 anos juntos.

Luiz Carlos conta que o primeiro reencontro quase deu errado. Chegou à seresta depois de tomar umas e não conseguiu dançar como queria, mas Aurora lhe deu outra chance. Desde então, os dois percorrem os bailes da cidade, colecionam troféus em competições e exibem um estilo próprio, o "sambolero", mistura de samba e bolero. Para eles, música boa, dança e o clima de campo de sedução são ingredientes que não podem faltar em uma boa noite de seresta.



DANÇARINO DE ALUGUEL

Solteira aos 71 anos, Dilzete Souza se define como uma dama solitária e paga dançarinos para acompanhá-la nas serestas. Depois de enfrentar uma paralisia, passar um período em cadeira de rodas e conviver com 23 hérnias de disco, ela ficou cerca de 20 anos longe dos salões. Há dois anos, voltou a dançar e não quer mais parar. Até o aniversário mais recente foi comemorado ao som de seresta.

Para Dilzete, dançar é "prazer e força para seguir vivendo". Um de seus parceiros é Moisés Teófilo, de 51 anos, que descobriu a possibilidade de trabalhar como dançarino ainda enquanto aprendia os passos. Ele empresta a companhia e o gingado a quem, como Dilzete, não quer deixar a música passar em branco. Em Salvador, o Clube Comercial também oferece dançarinos para acompanhar quem chega sem par. Na pista, os caminhos são diferentes, mas o encontro acontece no mesmo compasso.

Dança para riscar salão



Professora de dança há 16 anos e frequentadora do universo da seresta há cerca de 25, Simone Casais também promove bailes no Clube Comercial, no Centro. O espaço recebe gente de várias idades, de crianças a alunos com mais de 90 anos, e mostra que aprender a dançar não tem prazo de validade.

Simone percebe que hoje mais pessoas procuram aulas para aprender os passos da dança de salão do que há dez ou 15 anos. A dança solta continua tendo vez, mas cresce o interesse por giros, condução e movimentos bem-marcados. Entre quem está começando e quem já domina a pista, o salão segue como espaço de convivência e, claro, de exibição de talento.



Quem faz a seresta acontecer

Manter os bailes de pé também exige paixão. No Centro, Cátia Bahia assumiu o Lugar Comum há cerca de quatro anos, depois de se encantar pela tradição da casa, cuja história começou há aproximadamente 45 anos. A seresta que nasceu em um bar cresceu e virou ponto de encontro de frequentadores fiéis.

Na Liberdade, o Mousa Music dá continuidade a uma história iniciada por seu Mousa e mantida pelo filho, Jairo. Já na Ribeira, a Cabana do Bogary aposta em um diferencial: a seresta durante o dia, aos domingos, à beira-mar. Sócia do espaço ao lado de Paulo Leitão, Lúcia carvalho, 68, participa da manutenção da casa, que tem mais de 40 anos de trajetória.

De quem organiza as festas a quem sobe ao palco, ensina os passos ou volta toda semana para dançar, a seresta se sustenta numa rede de gente que não deixa a tradição esfriar. E é nessa que, enquanto houver música romântica tocando e pista para dançar, sempre vai ter alguém esperando um convite para serestar.

Trilha do coração dolorido

Paulo Humildes, cantor há 37 anos, mantém seu lugar nas noites dos bailes chiques de Salvador. A reportagem o encontrou em apresentações em diferentes casas, numa rotina puxada, com shows em sequência entre quinta-feira e domingo.

Embora também cante arrocha e música popular brasileira, Paulo tem no bolero o carro-chefe do repertório. Entre suas inspirações estão Roberto Carlos e Julio Iglesias, ao lado de nomes como Nelson Gonçalves, Altemar Dutra e Waldick Soriano, artistas históricos da música romântica que seguem presentes nas serestas e embalam os apaixonados.

Para conhecer

Mousa Music: Largo do Guarani, 462, Liberdade.

Lugar Comum: Avenida Sete de Setembro, 5, próximo à Igreja do Rosário, no Centro.

Lua de Prata: Rua Professor Souza Brito, em Itapuã.

Cabana do Bogary: Avenida Beira-Mar, 440, na Ribeira.

Clube Comercial: Avenida Sete de Setembro, 710, no Centro.

luan borges/metropress



SUS e fim da 6x1 no centro do debate

Em entrevistas à Rádio Metropole, Thomas Traumann analisa o impacto eleitoral da redução da jornada de trabalho, e Drauzio Varella destaca a força do sistema de saúde pública do Brasil

Texto **da redação**
redacao@radiometropole.com.br

O debate sobre direitos dos trabalhadores e a defesa da saúde pública ganharam destaque na programação da Rádio Metropole. Em entrevistas concedidas a Mário Kertész no dia 15 de outubro, o jornalista político Thomas Traumann avaliou os efeitos eleitorais do avanço da proposta que extinguiu a escala 6x1, enquanto o célebre médico e oncologista Drauzio Varella destacou a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) e alertou para problemas que pressionam os custos da assistência.

Ao analisar a repercussão da proposta de redução da jornada de trabalho, Traumann afirmou que o avanço da medida no Senado surpreendeu a equipe do senador Flávio Bolsonaro (PL), candidato à Presidência. Segundo o jornalista, a campanha havia sinalizado a aliados que a proposta não seria aprovada e que, em caso de vitória eleitoral, seria engavetada.

"Eles foram pegos de surpresa", afirmou Traumann, ao comentar a pressão política provocada pela votação. Para ele, a mobilização em torno do fim da escala 6x1 ultrapassou os limites partidários e expressou uma insatisfação social com a rotina de trabalho. O jornalista também ressaltou que manifestações de estudantes contribuíram para ampliar a visibilidade da pauta.

Na avaliação do analista político, o avanço da proposta colocou Flávio Bolsonaro em uma situação delicada, obrigando-o a rever o discurso diante da adesão popular à mudança. A discussão sobre a jornada de trabalho passou, assim, a integrar a disputa eleitoral em torno dos direitos sociais e das condições de vida dos brasileiros.

SAÚDE OU BARBÁRIE?

Na mesma programação, Drauzio Varella defendeu o SUS como uma das principais conquistas da saúde pública brasileira. "O Brasil, Mário, tem o programa mais importante de saúde pública do mundo", afirmou. Em seguida, reforçou a dimensão social do sistema: "Sem o SUS, é a barbárie".

O médico, no entanto, alertou para práticas que, segundo ele, elevam os custos sem necessariamente melhorar o atendimento. Drauzio criticou a solicitação excessiva de exames e relatou o caso de uma paciente que chegou ao consultório com 83 exames laboratoriais, sem saber explicar a finalidade dos procedimentos. Para ele, a avaliação clínica precisa ocupar lugar central nas decisões médicas.

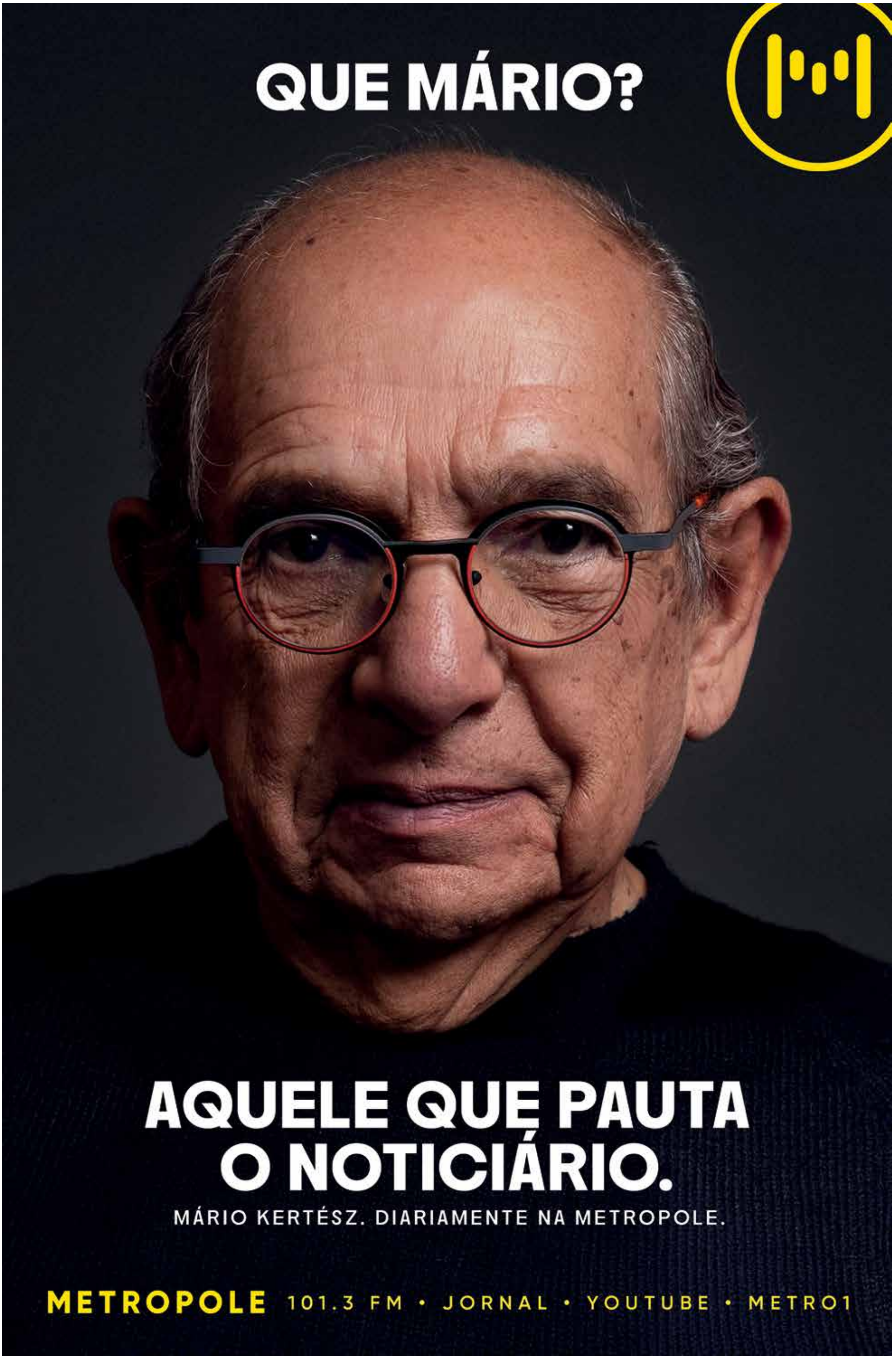
O oncologista também manifestou preocupação com a abertura de faculdades de medicina sem estrutura adequada, professores qualificados, hospitais para atividades práticas e vagas de residência. Ele defendeu avaliações periódicas da formação médica e o fechamento de instituições que não atinjam padrões mínimos de qualidade.

antonio cruz/agencia brasil



A campanha de Flávio Bolsonaro foi pega de surpresa com avanço da PEC, e ele teve que recuar

Thomas Traumann,
Jornalista, analista político e ex-ministro-chefe da Secom


QUE MÁRIO?
AQUELE QUE PAUTA
O NOTICIÁRIO.
MÁRIO KERTÉSZ. DIARIAMENTE NA METROPOLE.
METROPOLE 101.3 FM • JORNAL • YOUTUBE • METRO1

Entre telas e páginas

Texto **da redação**
redacao@radiometropole.com.br

Em meio a dramas familiares, dilemas éticos, crimes reais e reflexões sobre o luto, cinco obras convidam a olhar para os conflitos humanos por diferentes ângulos. "A Terapia Certa", "Viver Duas Vezes" e "Morte em Veneza" exploram os limites da moral, da memória e do desejo. Na literatura, "Caos Calmo" aborda a reconstrução após uma perda, enquanto "Colcoz" entrelaça história familiar, política e geopolítica.

COMÉDIA DRAMÁTICA – A Terapia Certa

Argentina / 2026 / Direção: Hernán Goldfrid



Um psicanalista experiente já não acredita na terapia convencional. Em segredo, passa a intervir na vida dos pacientes e a empurrá-los para além dos limites éticos do consultório. O método parece funcionar até a chegada de um escritor bloqueado, encontro que expõe as fissuras do próprio terapeuta. Com Ricardo Darín e Diego Peretti, a comédia argentina aposta em diálogo afiado para discutir autoridade, desejo e autoengano. Disponível na Netflix



DRAMA FAMILIAR – Viver Duas Vezes

Espanha / 2019 / Direção: María Ripoll

Emilio, professor de matemática aposentado, recebe o diagnóstico de Alzheimer. Antes que a memória avance para um território desconhecido, decide procurar Margarita, seu amor de juventude. A busca reúne a filha Julia, o genro e a neta Blanca numa viagem tão atrapalhada quanto afetuosa. O filme alterna humor e delicadeza sem esconder o impacto da doença. A estrada funciona como reconciliação: uma família distante aprende a permanecer junta quando lembrar já não é uma certeza. Disponível na Netflix.

CLÁSSICO DO CINEMA – Morte em Veneza

Itália / 1971 / Direção: Luchino Visconti



Em busca de repouso, o compositor Gustav von Aschenbach chega a Veneza e se deixa fascinar por Tadzio, um jovem hóspede do hotel. Enquanto a cidade esconde uma epidemia, ele permanece preso à contemplação da beleza e à consciência de sua própria decadência. Visconti adapta a novela de Thomas Mann e transforma o escritor do original em compositor. A atuação de Dirk Bogarde, a fotografia de Pasqualino De Santis e a música de Gustav Mahler conduzem uma meditação sobre desejo, arte, juventude e morte. Disponível no Prime Video, Globo Filmes e Apple TV.



ROMANCE LITERÁRIO – Caos Calmo

Sandro Veronesi / Original de 2005 / Prêmio Strega 2006

Pietro Paladini perde a mulher de forma repentina e passa a acompanhar a filha de dez anos à escola. Em vez de seguir para o trabalho, permanece no carro, diante do portão, dia após dia. A imobilidade torna-se um posto de observação: colegas, parentes e desconhecidos levam até ele suas próprias crises. Veronesi transforma o luto num romance sobre paternidade, rotina e a estranha calma que pode existir no centro da ruptura. Editora: Companhia das Letras.

MEMÓRIA E HISTÓRIA – Colcoz

Emmanuel Carrère / Tradução de Mariana Delfini



A morte de Hélène Carrère d'Encausse, historiadora da Rússia e primeira mulher a presidir a Academia Francesa, leva o filho a revisitar cartas, fotografias e arquivos reunidos pelo pai. O resultado atravessa quatro gerações, entre França e Rússia, até a guerra na Ucrânia. Confissão, genealogia e geopolítica se misturam num retrato íntimo sobre herança, segredos familiares e amor filial. O título remete à brincadeira dos irmãos Carrère e às fazendas coletivas soviéticas. Editora: Alfaguara.



rafael rodrigues/ec bahia

Adeus, G6!

Com pior aproveitamento no confronto direto entre os melhores times do torneio, Bahia deixa a tropa de elite do Brasileirão e vê objetivo de chegar a Libertadores mais distante

Texto **Vítor Bahia**
redacao@radiometropole.com.br

O sonho de garantir uma vaga direta para a Libertadores está cada vez mais distante. Após a derrota por 3 a 0 para o Flamengo, em 18 de outubro, o Bahia não está mais entre os seis melhores times do Brasileirão, o G6, e se aproxima de repetir suas últimas campanhas, quando ficou apenas com a vaga da pré-Libertadores. Tal resultado não representaria apenas uma estagnação do projeto, mas também um possível regresso. O Esquadrão foi ultrapassado pelo Atlético Mineiro, por um ponto. Pode voltar após o duelo contra o Santos, mas vai depender de como os adversários pela vaga irão terminar a próxima rodada.

A queda do Bahia do G6 era provável, já que o clube possuía o pior aproveitamento de confrontos diretos entre os seis clubes. Contra Flamengo, Palmeiras, Athletico Paranaense, Cruzeiro e Fluminense, o Esquadrão teve seis derrotas, dois empates e apenas uma vitória, isto é, aproveitamento de apenas 18%. Para estar entre os melhores, é preciso competir com eles, e o Bahia não se mostrou capaz disso.

Tricolor não conseguiu se classificar para a fase de grupos da Libertadores 2026, nem avançar para o mata-mata da Copa do Brasil, com eliminações para times com orçamento muito menor. Mesmo em 2025, o clube chegou mais longe nessas duas competições. Após todas as eliminações, o ano do Bahia só poderia ser salvo por uma vaga direta, mas pelo cenário atual é possível terminar ainda pior que na temporada passada.

Classificar para a pré-Libertadores foi uma grande conquista para o Bahia em 2024, pois o clube não frequentava o torneio há 35 anos. Mas a promessa, com a chegada do Grupo City, foi de uma evolução progressiva, que parou de acontecer, tanto nos resultados quanto na chegada de grandes nomes para o elenco. Na reta final do Campeonato Brasileiro, o Tricolor vai precisar correr contra o tempo para dar uma resposta ao seu torcedor.

Tá de brincadeira

A France Football inventou uma "Bola de Ouro de Todos os Tempos" e deixou Pelé e Maradona de fora, que, segundo a correção da própria revista, também são vencedores do prêmio individual. Uma eleição que promete premiar o melhor jogador da história, sem os dois que mais impactaram o futebol, é de se suspeitar. Para piorar, é uma eleição baseada em votação popular. O nome poderia mudar para "Jogador com Mais Fãs de Todos os Tempos".

Leão com fome

Desde 23 de novembro de 2025, o Vitória não vence duas partidas seguidas no Brasileirão. O empate com o Corinthians por 1 a 1, no dia 19 de outubro, pouco aliviou uma possível disputa por rebaixamento. A equipe não consegue respirar, porque quando vence, logo perde ou empata em seguida. Vencer, especialmente fora de casa, não está sendo o forte do Leão. São dois empates, duas derrotas e só uma vitória nos últimos cinco jogos.

Toda energia tem uma fonte. A nossa é a Bahia.

A Arena Fonte Nova agora passa a se chamar **Arena Acelen Fonte Nova.**

ARENA
acelen
FONTE NOVA



A energia da Bahia vai muito além das suas fronteiras, ela move o Brasil e alcança o mundo. Na Bahia, a Acelen começou a sua história. Agora, essa trajetória encontra um dos seus maiores símbolos. A Arena Fonte Nova passa a se chamar **Arena Acelen Fonte Nova**. A gente se orgulha de fazer parte da história dessa arena, palco do esporte, da música e da cultura popular da Bahia e fonte de inspiração, paixão e orgulho para todos os baianos.